

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
Curso de Especialização *Lato Sensu* em Gramática da Língua
Portuguesa: Reflexão e Ensino

MARIA CECÍLIA DE LIMA

USO DO GERÚNDIO EM CONTEXTOS FORMAIS DE ESCRITA:
tendências contemporâneas do português brasileiro

Belo Horizonte
2017

MARIA CECÍLIA DE LIMA

**USO DO GERÚNDIO EM CONTEXTOS FORMAIS DE ESCRITA:
tendências contemporâneas do português brasileiro**

Trabalho monográfico submetido ao Curso de Especialização em Gramática da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leandra Batista Antunes

Belo Horizonte

2017

MARIA CECÍLIA DE LIMA

**USO DO GERÚNDIO EM CONTEXTOS FORMAIS DE ESCRITA:
tendências contemporâneas do português brasileiro**

Monografia submetida ao curso de Especialização em gramática da língua portuguesa: reflexão e ensino da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leandra Batista Antunes

Prof.

Prof.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Sincero agradecimento aos professores do curso, por compartilharem conhecimentos que me motivaram a buscar outros.

À professora Leandra, pela seriedade e compromisso no trabalho de orientação.

RESUMO

Este trabalho investiga o uso das orações reduzidas de gerúndio (ORG) em contextos formais de escrita como uma tendência contemporânea do português brasileiro. Busca referência sobre o assunto em alguns gramáticos normativos, em contraposição ao que têm a dizer sobre o assunto linguistas que dedicaram alguns estudos a essa investigação. Toma como *corpus* para análise textos publicados na revista *Veja* e no jornal *Folha de S. Paulo*, durante o ano de 2017, por serem veículos aos quais professores sempre recorrem para tomar emprestados textos usados como paradigmas no trabalho com leitura e produção de textos. Elege como foco de observação o uso de ORG em substituição a (i) orações apositivas, também chamadas, por alguns estudiosos, de resultativas; (ii) orações adjetivas e (iii) orações coordenadas sindéticas ((aditivas, conclusivas, adversativas e explicativas). Promove discussão dos casos exemplificados e tece considerações finais a respeito das condições de licenciamento para essas ORG.

Palavras-chave: ORG. Tendência contemporânea. Português brasileiro. Contextos formais de escrita.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Justificativa	8
1.2 OBJETIVOS	10
<i>1.2.1 Geral.....</i>	<i>10</i>
<i>1.2.2 Específicos.....</i>	<i>11</i>
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 As Formas nominais do verbo	12
2.2 O gerúndio e seus contextos de uso segundo a gramática tradicional.....	12
2.3 O gerúndio e seus contextos de uso numa abordagem linguística	17
3 METODOLOGIA.....	21
4 RESULTADOS	23
4.1 Contextos em que a ORG ocupa lugar de uma oração apositiva/ resultativa	23
4.2 Contextos em que a ORG é empregada em substituição à oração adjetiva.....	26
4.3 Contextos em que a ORG ocupa o lugar de uma coordenada sindética.....	29
5 CONCLUSÃO.....	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é investigar e analisar o uso que se tem feito do gerúndio atualmente no português brasileiro, especificamente no que tange ao emprego de orações reduzidas por essa forma nominal do verbo em textos formais, e os efeitos de sentido gerados por esse emprego, muitas vezes desatento às condições e aos critérios normativos para utilização dessa forma verbal como recurso para reduzir orações subordinadas introduzidas por conectivos.

O interesse em pesquisar esse tema nasceu da observação diária dessa tendência em textos submetidos à revisão de língua e estilo ou em outros veiculados na grande mídia impressa, que serão utilizados para formar o *corpus* de análise deste trabalho. É cada vez mais corrente, em enunciados com períodos compostos, o emprego da forma nominal gerúndio em casos não previstos na gramática normativa, sabidamente adotada como paradigma na modalidade de língua escrita formal. Essa extrapolação não caracteriza tão somente desobediência aos critérios estabelecidos pela gramática tradicional, mas, em muitos casos, implica prejuízo semântico para a informação, conforme discussão aqui proposta. Em várias dessas situações, os enunciados não possibilitam ao leitor estabelecer critérios para identificar o que Ali (1965, p. 359) chama de “relações implícitas estabelecidas pelas orações gerundiais” e chegam mesmo a favorecer uma interpretação equivocada dessas relações. De acordo com o gramático, as orações reduzidas pela forma gerúndio devem ser interpretadas “segundo o sentido o pedir, em razão das diferentes espécies de relações que podem expressar.”(ALI, 1965, p. 359)

Verdade é que as orações reduzidas de gerúndio (doravante ORG) devem ser vistas como possibilidades de construção de enunciados que as línguas oferecem (não só o português) e podem ser exploradas com finalidade estabelecida pelo usuário, considerando aí até mesmo o fim puramente estilístico, como defendido por Bechara (2002, p. 514). Isso nos possibilita defender que o uso que se deve fazer delas na linguagem escrita tem de ser de certa forma consciente. Diferentemente das situações de fala, que podem contar com recursos da linguagem em função fática e possibilitam monitorar o entendimento do leitor, textos escritos, especialmente os que exigem o uso da linguagem em função referencial, como é o caso dos que serão objeto de análise neste trabalho, devem almejar a precisão e a clareza, de forma a garantir o entendimento das intenções comunicativas do autor / produtor.

O emprego do gerúndio, como se sabe, tem sido objeto de monitoramento linguístico em algumas situações discursivas, como aquela em que é empregado para indicar ações

futuras do tipo “vou estar organizando”, sendo, nesse caso, tratado como vício de linguagem. Essa construção, que no português do Brasil (doravante chamado PB) caiu no gosto popular, foi batizada de “gerundismo” e tem sido tomada como construção a ser varrida da fala e da escrita. O monitoramento dessa construção tem até mesmo gerado situações de hipercorreção. Segundo Bagno, (2011, p. 629) a expressão “gerundismo” foi cunhada pelos puristas “por absoluta ignorância dos fenômenos linguísticos”, já que, em sua análise, o fenômeno não nasce de nenhuma “inovação sintática que possa ser atribuída ao gerúndio propriamente dito, já que a variação de uso se opera com os verbos auxiliares que se acumulam diante dessa forma nominal do verbo”. A análise de Bagno se mostra lúcida se tomarmos como exemplo construções do tipo *O senhor pode estar ligando novamente amanhã*, empregada no lugar de *O senhor pode ligar novamente amanhã*. Na opinião do linguista, o que se vê, em casos do tipo, é uma acumulação desnecessária de verbos auxiliares diante do gerúndio, que contrariam o princípio de economia na linguagem.

Afora essa tendência relacionada ao emprego de construções que têm o gerúndio como componente, nota-se hoje uma inclinação no PB em se empregar as ORG em contextos que não atendem a algumas exigências que licenciariam seu uso sob o ponto de vista da norma culta, como adverte Nogueira (2014), quais sejam: (i) quando há predominância do caráter verbal ou adverbial: *Chegou cantando*; (ii) quando o caráter durativo da ação está claro: *Ficou ali escrevendo sua redação*; (iii) quando a ação expressa pelo gerúndio é coexistente ou imediatamente anterior à ação do verbo principal: *Tentando subir na árvore, teve uma queda*.

Embora muito frequentes na fala e na escrita do PB contemporâneo, algumas construções elaboradas com gerúndio, na forma de orações reduzidas, não estão previstas na gramática normativa, o que as torna objeto de análise interessante como forma de investigar se se trata de mais um fenômeno na evolução da língua ou um vício de linguagem como o querem alguns gramáticos normativos ou autores de compêndios e manuais, a exemplo de NOGUEIRA (2014) que, em artigo intitulado “Modismos linguísticos”, chama a atenção para essa tendência a se empregar o gerúndio em contextos nos quais essa forma nominal do verbo apresenta os seguintes comportamentos: a) aproxima-se da função adjetiva (tomando o lugar das orações adjetivas introduzidas por pronome relativo, emprego bastante frequente na atualidade) ou da expressão de qualidades ou estado, a exemplo de *Recebi uma caixa contendo vários objetos de estimação* no lugar de *Recebi uma caixa que continha vários objetos de estimação*; b) não exprime simultaneidade de ocorrência com a ação expressa pelo verbo principal: *Chegou exausto do passeio, sentando-se logo à entrada da varanda*; c) exprime uma ação posterior à do verbo principal: *O assaltante fugiu, sendo detido duas horas depois*.

d) gera duplicidade de sentido ao enunciado: *Ônibus atropela criança subindo a calçada*. Nesse caso, o ônibus ou a criança estava subindo a calçada? É bem verdade que, mesmo que se desenvolva a oração, a ambiguidade poderia permanecer, mas, nesse caso, a forma flexionada do verbo aceitaria o uso de pronome pessoal (ele ou ela, para retomar respectivamente ônibus ou criança) como elemento esclarecedor do agente responsável pela ação de subir a calçada. Esse recurso não poderia ser aplicado em se mantendo a frase com a oração reduzida.

Se considerarmos essas condições favoráveis ou desfavoráveis ao emprego da forma gerúndio, que serão retomadas ao longo deste trabalho para análise mais demorada, pretendemos demonstrar, por meio de exemplos extraídos de textos produzidos em situações formais de escrita, a frequência com que essa forma nominal do verbo tem sido empregada em diferentes estruturas frasais, de forma a se tornar um recurso polissêmico que esconde relações diversas estabelecidas originalmente por diferentes conectivos – coordenativos ou subordinativos.

No caminho da investigação, intencionamos estabelecer um confronto entre alguns gramáticos normativos no que se refere aos contextos exigidos para o emprego das orações reduzidas de gerúndio e contrapor seus posicionamentos aos de gramáticos descritivos que versam sobre o assunto.

Por fim, pretendemos apresentar alguns contextos em que a oração reduzida de gerúndio deveria ser evitada, uma vez que a oração desenvolvida, introduzida por conectivo, subordinativo ou coordenativo, prestaria melhor serviço à construção da textualidade, considerando que a relação que a oração desenvolvida estabelece com a principal é mais explícita que aquela estabelecida pela oração reduzida, o que pode servir de orientação a professores de língua portuguesa quando do trabalho com esse conteúdo, assim como a revisores de textos ao depararem com situações relacionadas ao assunto.

1.1 Justificativa

No desempenho das minhas atribuições diárias como revisora de textos, convivendo especialmente com textos veiculados em universos multimidiáticos, tenho observado uma forte tendência em se privilegiar a forma gerúndio na redução de orações que compõem o período composto – tanto nas relações de coordenação quanto nas de subordinação – em detrimento do emprego dos conectivos destinados a introduzir orações desenvolvidas. Ilustra bem essa afirmativa exemplo extraído de texto escrito para o Portal UFMG, seção “Notícias”

e que, antes de ser publicado, chegou ao setor de revisão com forma gerúndio empregada com uma presumida intenção de introduzir uma ideia adversativa – nesse caso, possível de ser inferida pelo contexto – em relação à oração antecedente: *Em Belo Horizonte, protestos contra manifestações artísticas ocorreram pelo menos duas vezes neste mês. Um deputado estadual anunciou que pediria a suspensão da peça que já havia sido vetada em Jundiá (SP), recuando posteriormente.*¹ (Grifo meu). O gerúndio ocupa aqui o lugar de uma oração coordenada adversativa do tipo “mas recuou posteriormente”. Igualmente ilustrativo é este excerto, extraído da mesma fonte e na mesma condição, em que o emprego de uma ORG pode dar margem a mais de uma relação semântica: *Hoje, nosso projeto conta com mais de 20 alunos, e nosso grupo de estudos é aberto ao público, atraindo pessoas de várias áreas.*² (Grifo meu). É possível inferir da ORG uma ideia de resultado, ou seja, o fato de o grupo de estudos ser aberto é razão para atrair pessoas de várias áreas, ou uma ideia de simples soma de informação, isto é, o grupo de estudos é aberto ao público e atrai pessoas de várias áreas. Nos dois casos, o emprego de uma conjunção conclusiva e aditiva, respectivamente, poderia deixar mais explícita a relação semântica pretendida. Esse uso recorrente de ORG impõe-me, muitas vezes, alguma dificuldade para estabelecer a relação de sentido implícita na construção utilizada e, conseqüentemente, pouca segurança para propor alguma construção substitutiva que traga ao enunciado mais clareza na intenção comunicativa e que, principalmente, possa preservar as intenções do enunciador.

Em veículos da grande mídia escrita, é possível, igualmente, colher exemplos de uso de ORG em estruturas inovadoras que não são discutidas na gramática tradicional. É o caso do emprego da forma reduzida de gerúndio em substituição à chamada oração apositiva, também batizada por alguns linguistas – como veremos na seção dedicada à revisão de literatura – de resultativa. Tanto a Revista *Veja* quanto o jornal *Folha de S. Paulo*, dois veículos de grande expressão na mídia escrita brasileira, parecem licenciar em seus textos o uso dessas estruturas, como se pode ver nos exemplos a seguir, assim como em outros que serão analisados neste trabalho. Vejamos: (1) *Com a mudança, as participações dos atuais acionistas controladores na Valepar serão transformadas em fatias acionárias diretamente na Vale, simplificando a estrutura societária.*³(Grifo meu) (2) *Conflitos e pobreza forçam*

¹<<https://ufmg.br/comunicação/noticias/diante-de-tantos-ataques-quais-seriam-as-finalidades-da-arte>>

²<<https://ufmg.br/comunicação/noticias/programa-de-extensao-da-faculdade-de-direito-recebe-premio-que-valoriza-cidadania-lgbt>>

³ SAKATE, Marcelo. A Vale, enfim, privatizada. *Veja*, São Paulo, ano 50, n.9, p. 61, 1 mar. 2017.

*milhões a deixar suas casas, levando o fluxo de refugiados e migrantes a uma marca recorde no mundo.*⁴(Grifo meu).

Podemos desdobrar essa ORG numa chamada oração apositiva, encabeçada pela expressão “o que”, do tipo: [...] as participações dos atuais acionistas controladores na Valepar serão transformadas em fatias acionárias diretamente na Vale, o que simplificará a estrutura societária”. Ou ainda: “Conflitos e pobreza forçam milhões a deixar suas casas, o que leva o fluxo de refugiados e migrantes a uma marca recorde no mundo.” Em ambos os casos, as ORG têm como sujeito toda a informação contida na oração principal.

Por introduzirem um resultado da ação expressa nas orações que as antecedem, essas ORG, se receberem uma conjunção conclusiva, do tipo “assim”, “portanto”, entre outras, poderiam cumprir melhor a função de explicitar a relação semântica desejada, uma vez que a presença do conectivo, mesmo que se mantenha o verbo na forma nominal, tiraria do gerúndio da ideia de concomitância com a ocorrência expressa na oração matriz.

Uma análise dos contextos em que as construções com gerúndio estão empregadas – sobretudo na forma de oração reduzida em períodos compostos – evidencia que muitos usos não atendem às condições previstas na gramática normativa. Em várias das situações analisadas, esse emprego aparentemente aleatório resulta em alguma dificuldade de se estabelecer critérios para identificar as relações implícitas das orações reduzidas com a forma nominal gerúndio, já que, segundo Ali (1965, p. 359), essas relações podem ser de naturezas diversas. Essa dificuldade em estabelecer as relações pode trazer problemas para a construção da coesão e, conseqüentemente, da textualidade nesses textos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Analisar casos que comprovem a tendência contemporânea do PB em empregar, em textos produzidos em situações formais de escrita, orações reduzidas com gerúndio, em detrimento do emprego de orações desenvolvidas introduzidas por conectivos coordenativos ou subordinativos que se prestam a explicitar a relação semântica entre ideia principal e secundária.

⁴ <<https://www.folha.uol.com.br/especial/refugiados>>. Acesso em: 5dez. 2017.

1.2.2 Específicos

- a) Analisar, em textos do campo discursivo jornalístico, veiculados pela mídia escrita, os diferentes contextos em que a forma gerúndio tem sido empregada em orações reduzidas, em detrimento do uso dos conectivos que servem a explicitar as relações semânticas entre orações, a fim de verificar se essas construções com gerúndio bastam para estabelecer a relação pretendida entre a ideia principal e a secundária;

- b) Demonstrar como o uso corrente do gerúndio em orações reduzidas no lugar de conectivos coordenativos ou subordinativos tem-se tornado um recurso que esconde mais de uma relação de sentido, o que pode prejudicar a clareza do enunciado e a construção da coesão e da textualidade;

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 As Formas nominais do verbo

“São formas nominais do verbo o infinitivo, o gerúndio e o particípio. Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 471). Essas formas verbais não finitas (ou nominais, na terminologia tradicional) distinguem-se, fundamentalmente, por algumas peculiaridades condicionadas a processos verbais que, segundo Cunha e Cintra(1985, p. 475,476) são três: processo verbal em potência (traduzido pelo infinitivo), processo verbal em curso (desempenhado pelo gerúndio) – que pressupõe uma ideia de concomitância entre as ocorrências expressas nas orações desenvolvida e principal – e processo verbal como resultado (gerado pelo particípio).

Considerando que a intenção neste trabalho é investigar o uso que se tem feito da forma nominal gerúndio no PB contemporâneo, principalmente como recurso para reduzir orações, torna-se interessante primeiramente visitar alguns contextos para o uso dessa forma nominal previstos por alguns gramáticos normativos, principalmente como recurso para reduzir orações.

2.2 O gerúndio e seus contextos de uso segundo a gramática tradicional

Quanto aos possíveis usos da forma nominal gerúndio, Ali (1965) cita primeiramente as orações reduzidas de gerúndio com valor de oração subordinada adjetiva, o que também é previsto em Cunha e Cintra (1985, p. 599), embora estes façam uma distinção entre os dois usos que se tem feito dessa construção. Com relação a esse ponto, vale citar o que dizem os autores:

O emprego do gerúndio com valor de oração adjetiva tem sido considerado por certos gramáticos um galicismo intolerável. Cumpre, no entanto, acentuar que é antiga no idioma a construção quando o gerúndio expressa a ideia de atividade atual e passageira.⁵ (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 599).

A esse respeito, fazem a seguinte ressalva:

⁵ Para ilustrar a afirmativa, os gramáticos buscam exemplo em D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do século XIV : “Ela tragia na mão um papagai mui fremoso cantando [que cantava] mui saboroso...”

Distinto deste é o emprego, cada vez mais frequente nos dias que correm, do gerúndio como representante de uma oração adjetiva que designa um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo a que se refere, construção que é um simples decalque do francês ⁶(CUNHA & CINTRA, 1985, p. 599)

Vemos, portanto, que Cunha e Cintra referendam o emprego da forma reduzida gerúndio quando equivalem a uma oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo, como ocorre nos seguintes exemplos utilizados pelos autores:

Virou-se e viu a mulher / **dando com a mão** / **fazendo sinal** / para que ele voltasse. (L. Jardim, *BA*, 18).2) Perdeu o desfile da milícia triunfante, / **marchando a quatro de fundo**. (J. Saramago, *M C*, 348).3) Viu um grupo de homens / **conversando**. / (Pepetela, *AN*, 42.) (CUNHA e CINTRA, 1985, p. 598, grifos dos gramáticos).

Vale aqui uma intervenção para comentar alguma controvérsia gerada por empregos semelhantes aos utilizados nos exemplos, em razão de serem eles responsáveis por introduzir ambiguidade nos enunciados. Em “Viu um grupo de homens conversando” (exemplo 3), pode-se ter como pertinente a pergunta / dúvida : os homens conversavam quando o sujeito os viu ou o sujeito é que conversava quando viu o grupo?

Castilho (2010, p. 382) dedica item especial a esse assunto, a que atribui o título de “gerúndios ambíguos”, embasando-se na semelhança que considera ocorrer entre adjetivos e advérbios:

[...] algumas sentenças gerúndias podem ter uma interpretação como adjetivas e como adverbiais: *Encontrou a garota **lavando a roupa**, ou seja, encontrou a garota **que lavava a roupa** / encontrou a garota **quando lavava roupa**.*

Ao tratar das ocorrências de gerúndios adjetivos (p.382), o gramático recorre a Campos(1980)⁷, que, segundo ele,

[...] indagou sobre a função sentencial do sintagma nominal em que o gerúndio está encaixado, tendo obtido os seguintes resultados:

- i) Sujeito: *A água fria, **batendo no estômago limpo**, deu-lhe pancada dolorosa.*
- ii) Objeto direto: *Ouvimos os vizinhos reclamando do barulho.*
- iii) Complemento oblíquo: *Havia uma tradução portuguesa naquela coleção romântica com uma moça na capa, lendo um livro.*(Grifo do autor)

⁶ E buscam em Fernando Pessoa e Érico Veríssimo, respectivamente, exemplos para sustentar o que afirmam: “Meu coração é um pórtico partido/ **dando excessivamente sobre o mar**”. “De onde estava via as torres da igreja metodista, / **erguendo-se acima da massa de arvoredo dum jardim**”. (grifo dos gramáticos)

⁷CAMPOS, Odette Altmann de Souza. *O gerúndio no português*: estudo histórico-descritivo. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

Vale observar que, nos três casos, embora o gerúndio se encaixe em sintagmas nominais de diferentes funções, ele está sempre cumprindo o papel desempenhado pela oração adjetiva, introduzida por um pronome relativo. Em (i), “batendo” equivale a “que batia”; em (ii), “reclamando” é o mesmo que “que reclamavam”; em (iii), “lendo” pode ser entendido como “que lia”.

Lima (2003) acolhe de forma relativizada a possibilidade de as orações adjetivas converterem-se em reduzidas de gerúndio. Para ele, essa redução “somente ocorre com o chamado gerúndio progressivo, o qual, preso a um substantivo, ou pronome, da oração principal (e não a um verbo) expressa uma oração em desenvolvimento, um fato que se está passando momentaneamente com o ser representado por esse substantivo, ou pronome” (p. 272-273).

Ainda com o objetivo de explorar os contextos favoráveis ao emprego das orações reduzidas, segundo gramáticos normativos, recorreremos mais uma vez a Cunha e Cintra (1985, p. 599), que se dedicam também a analisar, além das reduzidas adjetivas, o valor adverbial das orações reduzidas de gerúndio. Para os autores,

Como o gerúndio tem principalmente significado temporal, as reduzidas por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a orações subordinadas adverbiais temporais, [...] mas podem também equivaler a outras orações subordinadas adverbiais: (1) causais, (2) concessivas e (3) condicionais.⁸

Ali (1965, p. 359) menciona circunstâncias temporais (simultaneidade, anterioridade e posterioridade), relações de causa e efeito, de modo, meio ou instrumento, de condição e de concessão. O gramático chama essas orações com o verbo na forma gerundial de “orações implícitas” e, em virtude das diferentes espécies de relações que podem ser expressas, cada uma dessas orações deve “ser interpretada segundo o pedir o sentido”. O autor ainda sugere que algumas dessas orações gerundiais podem ser parafraseadas por orações desenvolvidas iniciadas por conectivo, como é o caso das que indicam causa, concessão e circunstância temporal.

Considerações de Bechara (2002) sobre orações reduzidas são apresentadas por Antonio (2012, p. 62), que nos faz saber que o gramático vê nessas construções um recurso de estilo e referenda essa afirmativa com a transcrição: “[...] quando feito com arte e bom gosto

⁸Os exemplos utilizados pelos autores para ilustrar os casos são, respectivamente: (1) “**Pressentindo** que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação”. (2) “Aqui mesmo, **ainda não sendo padre**, se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória”. (3) “**Pensando bem** tudo aquilo era muito estranho”.

permite ao escritor variados modos de tornar o estilo conciso, não acumulado de quês e outros transpositores, enfim, elegante” (BECHARA, 2002, p. 514).

Ainda segundo Antonio (2002), Bechara chama de desdobramento “a possibilidade de transformar uma oração reduzida em desenvolvida, mantendo-se equivalência textual” e considera que “as orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio podem ser equivalentes a orações causais, consecutivas, concessivas, condicionais, orações que denotam modo, meio instrumento e orações temporais”, o que é ilustrado pelos exemplos citados em nota de rodapé.⁹

Alguns estudiosos, autores contemporâneos de compêndios normativos ou gramáticas pedagógicas, têm chamado a atenção para o que julgam tendências ou modismos relacionados ao uso do gerúndio em algumas situações que consideram desfavoráveis, por não estarem previstas nas gramáticas normativas, sem, entretanto, abrir guarda para ponderações a ponto de avaliar se esse uso pode constituir um fenômeno do PB. Em artigo publicado sobre o assunto, NOGUEIRA (2014) apresenta alguns casos em que, segundo ele, a forma gerúndio deveria ser evitada por não atender às condições de usos prescritas pela gramática normativa. Sobre esse uso diz ele:

Alguns empregos do gerúndio deveriam ser evitados:

1) Quando as ações expressas pelos dois verbos – gerúndio e verbo principal – não puderem ser simultâneas: *Chegou sentando-se*. Ou *Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, estudando com um amigo padre na infância*.

2) Quando o gerúndio expressa qualidades e não comporta a ideia de contemporaneidade: *Vi um jardim florescendo*.

3) Quando a ação expressa pelo gerúndio é posterior à do verbo principal: O assaltante fugiu, sendo detido duas horas depois. Seria melhor dizer: O assaltante fugiu e foi detido duas horas depois.

4) Quando o gerúndio, copiando construção francesa (galicismo), passa a ter valor puramente adjetivo: *Viu uma caixa contendo...A construção mais adequada seria: Viu uma caixa que continha...*

O uso do gerúndio será tão mais impróprio quanto mais se aproxime da função adjetiva, ou da expressão de qualidades ou estados, ou quanto maior a distância entre o tempo da ação expressa pelo gerúndio e o tempo da ação do verbo principal.

É interessante lembrar que o pior uso do gerúndio é aquele que gera ambiguidade: “A mãe encontrou o filho chorando.”

(Quem estava chorando? A mãe ou o filho?)

“Ônibus atropela criança subindo a calçada.”

⁹Bechara (2002, p. 523-524) apresenta os exemplos seguintes: a) “Vendo estes os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros.” (Vendo = porque visse); b) “Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, rompendo-o por muitas partes.” (Rompendo-o = E como consequência o romperam); c) “Tendo mais do que imaginavam não socorreu os irmãos.” (Tendo = embora tivesse); d) “Tendo livres as mãos, poderia fugir do cativeiro.” (Tendo = se tivesse livres as mãos); e) “Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana murmurando sons mal articulados.” (Murmurando = ao mesmo tempo que murmurava); f) “El-rei, quando o mancebo vos cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse voltando-se: Por que virá o conde quase de luto à festa?”. Voltando-se = enquanto se voltava.

(O ônibus subiu a calçada e atropelou a criança ou o ônibus atropelou a criança no momento em que ela subia a calçada?) (NOGUEIRA, 2014).¹⁰

Por outro lado, ao citar alguns empregos de construções com gerúndio licenciadas pela gramática normativa, Nogueira (2014) utiliza os seguintes contextos para exemplificar:

Gerúndio modal: *Chegou cantando.*

Gerúndio temporal. Indica contemporaneidade entre a ação expressa pelo verbo principal e o gerúndio: *Vi João passeando.*

Gerúndio durativo: *Ficou escrevendo sua redação.*

Gerúndio cuja ação é imediatamente anterior à do verbo principal: *Levantando o peso, deixou-o cair sobre o pé.*

Gerúndio condicional: *Tendo sido publicada a lei, obedeça-se!*

Gerúndio causal: *Conhecendo sua maneira de agir, não acreditei no que me disseram.*

Gerúndio concessivo: *Mesmo nevando muito, iria à festa.*

Gerúndio explicativo: *Vendo que o leme não funcionava, o comandante chamou o mecânico.*

Como regra geral, pode-se dizer que o gerúndio está bem empregado quando:

- a) há predominância do caráter verbal ou adverbial;
- b) o caráter durativo da ação está claro;
- c) a ação expressa é coexistente ou imediatamente anterior à ação do verbo principal.(NOGUEIRA, 2014)¹¹

Como se observa, o desdobramento da oração reduzida com a introdução do conectivo continua sendo o recurso que possibilita a identificação das relações semânticas que podem estar por detrás da forma reduzida gerúndio, cuja diversidade é reconhecida pela tradição gramatical.

Com base nas considerações dos gramáticos referenciados nesta seção, pode-se perceber certo grau de legitimidade no uso de orações reduzidas pela forma nominal gerúndio, além das já reconhecidas orações de valor adverbial. O gerúndio equivalendo a uma oração subordinada adjetiva, por exemplo, é legitimado por Ali (1965) e Cunha & Cintra (1985), desde que essa oração adjetiva não designe “um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 599). Nesse caso, construções do tipo “chegou à festa portando um chapéu elegante” ou “recebeu uma cesta contendo itens de café da manhã” não seriam licenciadas no português do Brasil por constituírem o que chamam de “decalque” do francês.¹²

Diferentemente de Cunha & Cintra (1985), que reconhecem como legítimo o emprego da forma reduzida gerúndio quando equivale à oração adjetiva introduzida pelo pronome relativo, Castilho (2010) faz consideração interessante para o que se pretende neste trabalho,

¹⁰ Cf. <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/modismos-linguisticos.html>>

¹¹ Idem.

¹² O chamado “gérondif” em francês : *Il a reçu un envelope contenant de l'argent.* (Ele recebeu um envelope contendo dinheiro).

ao chamar a atenção para a semelhança que julga ocorrer entre adjetivos e advérbios. Essa semelhança, segundo ele, gera o que ele denomina “gerúndiais ambíguas”, constatação que referenda o que Ali (1965, p. 359) fala sobre relações implícitas possibilitadas pelas orações subordinadas encabeçadas pela forma gerúndio. Até que ponto o uso dessas construções podem tornar nubladas as intenções comunicativas é o que se pretende verificar por meio das discussões embasadas nos exemplos que formam o *corpus* que será analisado neste trabalho.

2.3 O gerúndio e seus contextos de uso numa abordagem linguística

Castilho (2010), referenciado por Antonio (2012, p. 63) considera a possibilidade de o gerúndio operar como núcleo de sentenças adverbiais. A esse respeito diz:

CASTILHO (2010, p.382) reconhece que o gerúndio pode também operar como núcleo de sentenças adverbiais. Nesse caso, o autor apresenta um exemplo e sua paráfrase por uma oração adverbial causal: “*Reclamando do barulho*, acabou arranjando encrenca com o vizinho (*Porque reclamou do barulho*, acabou arranjando encrenca com o vizinho).” (Grifo nosso). Perini (2010, p.167), igualmente, considera que as orações reduzidas com gerúndio são “sintaticamente paralelas a sintagmas adverbiais” e ilustra essa afirmativa com exemplo de oração reduzida e sua forma adverbial equivalente, a saber: “O cavalo passou *correndo* = O cavalo passou *rapidamente*.(Grifo nosso).

Ainda sobre as contribuições de linguistas ao estudo investigativo do comportamento das orações com gerúndio no português do Brasil, Antonio (2012) recorre a Braga (2002), que realizou estudo a respeito:

Braga (2002)¹³, em estudo a respeito das orações com gerúndio no português falado no Brasil, no que se refere aos tipos de relações semânticas codificadas por essas orações, considera relações aditivas, adjetivas, causais, concessivas, condicionais, consequenciais, modais, temporais e temporais-condicionais. No entanto, segundo a autora, “[...] a identificação da relação semântica codificada pelas orações de gerúndio é muitas vezes problemática, já que elas tendem a favorecer a superposição de relações proposicionais.” (ANTONIO, 2012, p. 64)

Também menciona a possibilidade de interpretação ambígua da relação semântica estabelecida pelas chamadas gerúndiais, aspecto que, vale ressaltar, é relevante para este trabalho, uma vez que o que se pretende aqui é justamente demonstrar como o uso frequente dessas orações em contextos variados tem dado margem para mais de uma interpretação da

¹³ BRAGA, Maria Luiza. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, Ingedore Gomes Villaça (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp. 2002.v. 6. (Série Pesquisas).

relação semântica estabelecida e, conseqüentemente, tem comprometido a clareza na intenção comunicativa dos enunciados. Dois exemplos transcritos de Braga (2002, p. 242) em artigo de Antonio (2012) servem a ilustrar essa assertiva:

a)“[...] mas vocês conseguem manter assim uma regularidade de alimentação assim... horários fixos... *trabalhando* fora... porque é um problema né?, quando a gente trabalha fora.” Aqui, pode-se considerar uma relação polissêmica de concessão, modo ou tempo; b)“ [...] tinha-se esperança que Dona Ana Cândida *tendo assumido* a procuradoria Geral do Estado, em ela sendo mulher... que ela defendesse um pouco mais a classe.” Nesse segundo caso, a ambigüidade é entre leitura temporal ou causal. De qualquer forma, em ambos os casos, não sendo possível contar com marcas formais como conectivos ou outros marcadores discursivos, é preciso se levar em conta outros elementos contextuais para se analisar as relações retóricas estabelecidas. (ANTONIO. 2012, p. 64)

Comparani; Guiraldelli (2017), citando Mória e Viotti (2004),¹⁴ ressaltam as questões gerais que os autores abordam sobre a semântica do que denominam orações gerundivas adverbiais, ao investigarem as relações retóricas do gerúndio adverbial no âmbito da semântica do discurso. Segundo as autoras, os linguistas

postulam que as orações reduzidas de gerúndio podem equivaler a orações: causais, concessivas, condicionais, resultativas (consecutivas), modais, de meio ou instrumento.

A abordagem dos autores amplia-se com diferentes classificações temporais,(diferentemente dos outros autores que utilizam apenas um único valor temporal): 1-gerúndio (narrativo) de posterioridade: ao marcar a situação posterior, a oraçãogerundiva identifica uma situação que ocorre depois da situação expressa na oraçãoprincipal; 2- gerúndio (narrativo) de anterioridade: ao marcar a situação anterior, aoração gerundiva identifica uma situação que ocorre antes da situação expressa naoração principal; 3- gerúndio de sobreposição (ou paralelismo) temporal: porconsiderarem que a oração gerundiva identifica uma situação concomitante com asituação expressa na oração principal; 4- gerúndio de sobreenquadramento: a oraçãogerundiva identifica uma situação que enquadra temporalmente a situação expressa naoração principal; 5-gerúndio de subenquadramento: a oração gerundiva identifica umasituação que é temporalmente enquadrada pela situação expressa na oração principal. (COMPARANI; GUIRALDELLI, 2017, p. 2608-2609).

Ainda explorando o que dizem Mória e Viotti (2004), sobre a semântica das orações adverbiais reduzidas de gerúndio, Comparani e Guiradelli, (2017, p. 2609) nos revelam interessante desdobramento dessas relações em valores semânticos que parecem terestreita aproximação com os usos que se fazem dessas construções no PB contemporâneo e que serão objeto de análise neste trabalho. De acordo com as autoras,

¹⁴MÓIA, Telmo; VIOTTI, Evani. 2004. *Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais*. Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, p.715-729.

[...] também são apresentados por Mória e Viotti (2004:723-724) os seguintes valores:

- 1- elaboração: “a oração gerundiva identifica uma subsituação da situação expressa na oração principal” (A câmara construiu a ponte, *tendo* um arquiteto francês desenhado os planos.);
- 2- opositivo: “a oração principal identifica uma situação que meramente contrasta com a situação expressa na oração principal” (A Ana não foi para Londres, *preferindo* ir para Paris.),
- e 3- neutro: designação provisória em que “a oração gerundiva identifica uma situação que nem se relaciona temporalmente de modo definido com a situação expressa na oração principal nem envolve implicação ou contraste” (A Índia está dividida em 28 estados e sete territórios, *possuindo* mais de mil milhões de habitantes.) (Grifos nossos).

O que se depreende dos posicionamentos dos vários estudiosos citados é que há um consenso entre eles no que se refere à possibilidade de se extrair mais de um sentido das orações reduzidas de gerúndio. Lobo (2001), cujos trabalhos tratam dos aspectos da sintaxe das orações gerundivas portuguesas, defende que a interpretação do que chama de gerundivas pode variar em razão de vários fatores, entre os quais, o fato de geralmente não terem conectores, o que tornaria mais trabalhosa a instauração de significados. Braga (2002), por sua vez, considera que as orações reduzidas com gerúndio tendem a favorecer a superposição de relações semânticas. Ressalta, ainda, que, pela redução a que são submetidas, elas têm maior tendência a esconder esses sentidos, o que, segundo a autora, exige do ouvinte / leitor maior esforço na identificação da intenção comunicativa. A análise que se fará, na próxima seção, dos exemplos que compõem o *corpus* deste trabalho servirá para referendar o que afirmam os autores citados.

Quando se estabelecem comparações entre as abordagens dos gramáticos e o que trazem os linguistas para o campo de discussão sobre a redução de orações por meio do gerúndio, percebe-se como consensual o fato de o gerúndio poder operar, sobretudo, como núcleo de sentenças adverbiais, como afirmam Castilho (2010) e Perini (2010, p. 167). No entanto, os estudos linguísticos avançam em relação à abordagem dos gramáticos quando se veem neles explorados outros tipos de relações semânticas que as orações com gerúndio podem codificar. Braga (2002), por exemplo, fala de relações aditivas, consequenciais, modais, que não aparecem na abordagem de Cunha & Cintra (1985, p. 599). Ao analisarem o valor adverbial das orações reduzidas de gerúndio, esses gramáticos enfatizam, sobretudo, o significado temporal, embora reconheçam a equivalência de algumas orações adverbiais reduzidas de gerúndio com as desenvolvidas adverbiais causais, concessivas e condicionais.

A abordagem linguística parece mais consistente ao alertar para a problemática identificação da relação semântica gerada pelas orações reduzidas de gerúndio, já que, como

afirma Braga (2002, p. 242), elas “tendem a favorecer a superposição de relações preposicionais”. A autora chega a falar de relação polissêmica a que as orações reduzidas de gerúndio podem dar margem. Esse alerta, também o faz Lobo (2001), quando afirma que, entre outras razões, por não terem conectores, as orações reduzidas de gerúndio podem trazer dificuldades na instauração de significados.

Um ponto de interseção é notado entre o que diz Ali (1965, p. 359) e Braga (2002). O gramático chama as ORG de “orações implícitas”, o que parece equivaler ao que diz Braga (2002, p. 242), ou seja, que as orações reduzidas de gerúndio têm maior tendência a esconder os sentidos em virtude da redução a que estão submetidas por meio da exclusão de marcas formais como conectivos ou outros marcadores discursivos de valor semântico mais explícito.

Investigação mais ampliada em relação à abordagem normativa, no que diz respeito aos valores semânticos das orações reduzidas de gerúndio, encontra-se em Mória e Viotti, referenciados por Comparini e Guiradelli (2017, p. 2609), citados neste trabalho. Ao proporem outros valores semânticos para essas orações, como os de elaboração, oposição e neutralidade, os autores parecem encontrar sustentação em usos contemporâneos que não vimos agasalhados pelos gramáticos aqui referenciados nem por Nogueira (2014), em sua relação de contextos favoráveis ao uso do gerúndio em orações reduzidas.

3 METODOLOGIA

Com base no que se falou, até então, sobre o uso recorrente que se tem feito de ORG em contextos não previstos na gramática normativa e as diferentes relações semânticas que podem ser inferidas dessas construções, julgamos coerente buscar exemplos em textos atuais veiculados em portadores de grande circulação no Brasil, nos quais há predominância da norma culta como variante de prestígio, uma vez que o que se pretende, neste trabalho, é abordar o uso contemporâneo dessa forma reduzida do verbo em contextos de escrita formal. Elegemos, então, textos veiculados no jornal *Folha de S. Paulo* e na Revista *Veja* durante o ano de 2017, por considerarmos tratar-se de dois veículos midiáticos que não raro são utilizados como fontes para professores no trabalho com textos em sala de aula ou até mesmo como suporte para autores de livros didáticos ao comporem a seção “Compreensão de texto” ou “Interpretação de textos”. Não optamos por eleger um gênero textual específico, uma vez que um recorte por gênero poderia limitar o campo de análise a ponto de induzir uma suposição de que a ocorrência dessas construções em estudo estaria condicionada ao perfil de um gênero em particular, quando o objetivo aqui é de investigar o uso recorrente nas práticas atuais de escrita, em diversos gêneros que circulam nos suportes escolhidos.

A seleção dos textos foi feita levando-se em conta os gêneros que normalmente são tomados emprestados da esfera jornalística para o trabalho na sala de aula: notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião e resenha. Optou-se por analisar textos veiculados neste ano, uma vez que a contemporaneidade do fenômeno estudado é fundamental na discussão, sem uma obediência à cronologia de publicação (semanal ou mensal).

Os dados utilizados para a análise foram encontrados durante processo de busca intencional por casos que ilustrem a tendência de se empregar ORG, em detrimento de orações desenvolvidas encabeçadas por conectivos subordinativos ou coordenativos, especialmente em contextos não previstos pela gramática normativa. Embora já sejam legitimadas em alguns estudos linguísticos de cunho descritivo, algumas ORG que tomam lugar de orações desenvolvidas (coordenadas ou subordinadas), não previstas na gramática tradicional, podem vir a merecer análise cuidadosa no que diz respeito ao cumprimento da intenção comunicativa e da construção da textualidade, a fim de verificar seu licenciamento ou não. Isso porque, como bem assinala Ali (1965, p. 359), as relações implícitas estabelecidas pelas orações gerundiais podem gerar a polissemia que deve ser evitada em textos nos quais predominem a linguagem em função referencial, como é o caso dos tomados para estudo neste trabalho.

Pretende-se, com base nos casos coletados, retomar a abordagem apresentada no referencial teórico a fim de fazer desses casos exemplos para o que se discute a perspectiva dos autores referenciados. Os textos de que retiramos os excertos analisados constarão na íntegra como anexos deste trabalho, de forma a atender ao leitor interessado em ter acesso a contextos mais abrangentes.

4 RESULTADOS

Com base nos critérios explicitados anteriormente, pretendemos, nesta seção, analisar os casos em que a ORG é usada em contextos não previstos na gramática normativa, a exemplo do seu emprego em substituição às chamadas orações apositivas ou resultativas ou ainda quando ocupam o lugar de orações coordenadas. É de igual interesse situações em que o uso da forma reduzida de gerúndio oferece margem para se inferir mais de uma relação semântica, especialmente quando substituem as orações adjetivas, função já agasalhada por alguns gramáticos tradicionais, a exemplo de Cunha & Cintra (1985), mas ainda não licenciada por outros.

Ainda que a articulação das ideias de um texto, como afirma Costa Val (1991, p. 28), não precisem “necessariamente ser explicitadas por mecanismos linguísticos formais”, já que “podem perfeitamente se estabelecer apenas no plano lógico-semântico-conceitual (o da coerência), no plano da coesão, “há recursos específicos para sua expressão formal”. Cabe, ao produtor do texto, reconhecer os contextos em que essas relações devam ser explicitadas por meio dos mecanismos linguísticos formais, no caso, os conetivos que encabeçam as orações desenvolvidas, para que se alcance a clareza necessária em textos escritos de função referencial dominante.

Os dados foram extraídos de 30 textos (20 veiculados na revista *Veja* e 10 no jornal *F. de S. Paulo*) durante o ano de 2017. A análise será feita agrupando-se os casos sob a seguinte classificação:

- a) Contextos em que a ORG ocupa lugar de uma oração apositiva/ resultativa, ou seja, quando o sujeito da oração reduzida é toda a informação contida na oração matriz e o gerúndio indica o resultado do que vem antes dele;
- b) Contextos em que a ORG é empregada em substituição à oração adjetiva;
- c) Contextos em que a ORG ocupa o lugar de uma coordenada sindética.

Nos textos analisados, foram encontrados 16 casos que se enquadram em (1), 18 que representam o grupo 2, e 12 que ilustram o contexto (3).

4.1 Contextos em que a ORG ocupa lugar de uma oração apositiva/ resultativa

Dos casos que se enquadram em (1), tomaremos 6 para ilustrar as discussões a respeito, três extraídos do Jornal *Folha de S. Paulo* e três, da revista *Veja*.

(1)

a) “João Gilberto está sob a curatela de Bebel. Ele apresenta, há alguns anos, um quadro confusional que não lhe permite compreender com clareza os atos jurídicos que lhe são solicitados por terceiros, resultando numa situação atual de absoluta penúria financeira [...]” FSP, 17/11/2017 ¹⁵(Grifo meu)

b. Os resultados da evolução do PIB apresentados na semana passada pelo IBGE são promissores. Estimam um crescimento de 1,4% entre o terceiro trimestre de 2017 e o seu homólogo de 2016, confirmando que o “empurrão” da demanda estimulado pelo governo federal produziu um efeito positivo. FSP, 6/12/2017¹⁶(Grifo meu).

c. “A primeira [seção de patologia] recebe espécimes mortos e realiza exames de histopatologia (em que se observa o tecido e suas características) e de imunohistoquímica (que detecta a presença de antígenos virais), permitindo saber qual vírus contaminou o paciente. FSP, 4/12/2017.¹⁷ (Grifo meu).

d. “[...] posturas expansivas permitiriam uma respiração mais profunda e eficiente, **estimulando** o relaxamento do organismo e **reduzindo** o stress[...]¹⁸

e. “Assim, a própria seguradora, interessada em conter eventuais perdas, faz toda a fiscalização do andamento do projeto, assegurando que os prazos e os custos previstos sejam cumpridos.”¹⁹

f. “ Partidos de centro-esquerda moveram-se para a direita ao abraçar posições pró-mercado e pró-negócios, **alienando** grande parte de sua base”.²⁰ (Grifo meu)

Se parafraseadas com uma forma verbal flexionada, é possível certificar-se que as construções com gerúndio, nesses exemplos, introduzem um resultado do fato apresentado no

¹⁵ < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1936147-na-justica-bebel-gilberto-assume-controle-da-vida-do-pai-joao-gilberto.shtml>> em 20 nov. 2017.

¹⁶ <<http://www.folha.uol.com.br/coluna/antioniodelfim/2017/12/1940934-deficit-da-previdencia-ameaca-o-pais.shtml>>. Acesso em: 4 dez.2017.

¹⁷ <<http://www.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876720--instituto-paraense-e-referencia-em-vacinas-e-alertas-de-epidemias.shtml>>. Acesso em: 4 dez.2017.

¹⁸ BOTELHO, Thaís. Cabeça erguida. *Veja*, São Paulo, ano 50, n.16, p. 95, abr. 2017.

¹⁹ ZALIS, Pieter. Modelo perverso. *Veja*, São Paulo, ano 49, n. 3, p.46, abr. 2017.

²⁰ NUBLAT, Johanna. Não passarão. *Veja*, São Paulo, ano 50, n. 40, p. 63, 4 out. 2017.

período antecedente. Em (1a), por exemplo, a ORG *resultando numa situação atual de absoluta penúria financeira* equivale a *e isso resultou numa situação atual de absoluta penúria financeira* [...]. Esse valor semântico de consequência/ resultado que a forma nominal gerúndio pode abrigar é reconhecido por Bechara (2002, p. 514), embora o gramático não atribua a esse tipo de construção a classificação de “apositiva” e a tome como uma consecutiva. Mória e Viotti (2004), citados por Comparani e Guiraldelli (2017), nomeiam-na oração adverbial resultativa, por considerarem que ela é resultado da situação expressa na oração matriz. O valor consecutivo da forma reduzida pode também ser desvelado por meio da chamada construção apositiva da oração antecedente, do tipo *o que resultou numa situação atual de absoluta penúria financeira* [...]. Guaritá (2015, p. 8) adota a nomenclatura “oração gerundiva com sujeito oracional” para classificar esse tipo de oração, apoiada no fato de o tema/sujeito, ao qual está vinculada a ORG, estar representado por toda a oração matriz. Lopes (2004), citado por Guaritá (2015, p. 11), batiza esse tipo de construção de “oração apositiva de foco”. Vê-se, assim, que esse tipo de ORG, reconhecidamente presente no português contemporâneo, não tem ainda uma classificação consensual, mas tem merecido atenção de estudiosos por considerarem que já está incorporada na fala e na escrita do português do Brasil e, pelos exemplos utilizados neste trabalho, também se constata que ela já chegou às situações de escrita em que se privilegia a norma culta, embora muitos manuais de redação não licenciem seu uso e prescrevam o emprego da forma aqui chamada de apositiva.

É fato que a construção apositiva deixaria mais clara a ideia de resultado pretendida pela ORG nesse tipo de contexto, já que o gerúndio nesses casos é um operador discursivo cujo valor semântico depende de fatores contextuais para ser inferido. Tomemos o exemplo (1d): *posturas expansivas permitiriam uma respiração mais profunda e eficiente, estimulando o relaxamento do organismo e reduzindo o stress*. Considerando que a ideia de simultaneidade é inerente à forma nominal gerúndio, podemos concluir que o que torna possível extrair desse enunciado o valor semântico de resultado ou consequência são os fatores contextuais, ou seja, o conhecimento que se tem de que postura e respiração corretas podem ter como resultado o relaxamento e a redução do estresse. Sem esse conhecimento, não seria infundado pensar que as duas ações estariam ocorrendo ao mesmo tempo, ou seja, *posturas expansivas permitiriam uma respiração mais profunda e eficiente, ao mesmo tempo que estimulariam o relaxamento do organismo e reduziriam o stress*. Ou ainda, por que não considerar uma ideia de causa do tipo [...] *posturas expansivas permitiriam uma respiração mais profunda e eficiente, uma vez que estimulariam o relaxamento do organismo e reduziriam o stress*? Diante disso, vale retomar o que disse ALI (1965, p. 359), ou seja, que as

orações reduzidas pela forma gerúndio devem ser interpretadas “segundo o sentido o pedir, em razão das diferentes espécies de relações que podem expressar.” Na esteira dessas considerações, vale mencionar um recurso comum de se ver em algumas construções desse tipo, a inserção de uma conjunção conclusiva na ORG, de forma a explicitar o valor semântico de resultado que se intenciona comunicar. Tomemos (1e) para demonstrar que esse recurso serviria a cumprir essa finalidade: *Assim, a própria seguradora, interessada em conter eventuais perdas, faz toda a fiscalização do andamento do projeto, **assegurando** que os prazos e os custos previstos sejam cumpridos.* Se na ORG for inserido um conectivo, que tem papel essencial para a interpretação semântica, o valor de resultado/consequência ficará mais evidente, pois libertará o gerúndio da ideia de concomitância: *Assim, a própria seguradora, interessada em conter eventuais perdas, faz toda a fiscalização do andamento do projeto, assegurando[**desse modo, portanto, por conseguinte**] que os prazos e os custos previstos sejam cumpridos.*

Diante do exposto, torna-se pertinente a questão: se o gerúndio em si não expressa uma função semântica particular e depende de fatores contextuais e situacionais múltiplos para ter sua relação discursiva definida, esse uso (cada vez mais comum) que se tem feito dele em substituição às orações apositivas deve ser licenciado? Antes de censurar o seu emprego nesse contexto, seria interessante, numa situação de ensino, mostrar ao aluno o porquê da restrição, para que a prescrição não se imponha de forma isolada e sem fundamentação, pois, como defende Costa Val (1991, p. 29), a infração textual deve ser considerada quando “acarretar embaraço à leitura, tendo em mente as expectativas resultantes do tipo de texto analisado”. Assim, se a ausência de conectivo numa determinada situação de uso de uma ORG pode dar margem a mais de uma relação semântica, é fundamental que se reconheça a indispensabilidade dos conectivos como condição de coerência. Essa preocupação deve ter o professor no seu trabalho com produção de texto e, segundo, Charolles (1978, p. 37), citado por Costa Val (1991, p. 30) é legítimo o professor “julgar-se na obrigação de apontar o problema ao aluno, por entender que todo discurso, se não for imediatamente coerente e coeso, deve, pelo menos, ter o sentido facilmente recobrável por qualquer receptor”.

4.2 Contextos em que a ORG é empregada em substituição à oração adjetiva

Outras situações em que vemos se dispensar o conectivo (no caso o pronome relativo) para privilegiar a forma reduzida estão representadas nos exemplos que se enquadram no

grupo (2). Novamente, ilustraremos com três casos extraídos do Jornal *Folha de S. Paulo* e três, da revista *Veja*.

(2)

- a) “No IEC, o processo que leva ao diagnóstico é como um trabalho de investigação, **mobilizando** diversas equipes [...] FSP, 4/12/2017.²¹ (Grifo meu)
- b) “Em março, Trump lançou uma segunda edição [do decreto], excluindo o Iraque devido à cooperação do país árabe com o combate à facção terrorista Estado Islâmico, também suspensa por decisões judiciais de instâncias inferiores.” FPS, 4/12/2017.²²(Grifo meu).
- c) “Em nota enviada à Folha, a Odebrecht afirma que fez uma colaboração ampla e definitiva com autoridades, contendo mais de 900 relatos apresentados pela empresa e 77 executivos.” FPS, 5/12/2017.²³ (Grifo meu)
- d) “Na Rede Aleluia, cadeia de rádios da Universal, os intervalos comerciais são entremeados de depoimentos recomendando o longa.”²⁴ (Grifo meu)
- e) “Cardeais deram entrevistas falando abertamente contra ele [o Papa], grupos anônimos pregaram cartazes críticos em Roma e ativistas antiabortos postaram na internet um vídeo com insinuações e maldades a respeito do pontífice.”²⁵ (Grifo meu).
- f) “Os donos também precisam entender que ética nos negócios vai além de escrever belíssimos textos pedindo desculpas e mostrando como a empresa se preocupa com o país.”²⁶

²¹ <<http://www.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/04/1876720-instituto-paraense-e-referencia-em-vacinas-e-alertas-de-epidemias.shtml>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

²² <<http://www.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1940595-suprema-corte-autoriza-aplicacao-total-de-decreto-anti-imigração-de-trump.shtml>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

²³ <<http://www.folha.uol.com.br/poder/2017/12/1940626-liberdade-de-marcelo-preocupa-odebrecht.shtml>>. Acesso em: 5 dez.2017.

²⁴ PRADO, Thiago. Irás ao cinema. *Veja*, São Paulo, ano 49, n.3, p. 70, jan. 2017

²⁵ TEIXEIRA, Duda. A batalha papal. *Veja*, São Paulo, ano 50, n.9, p. 53, mar. 2017.

²⁶ LAZZARINI, Sérgio. *Veja*, São Paulo, ano 50, n. 40, p. 71, out. 2017.

Em processo de desdobramento, todas as ORG empregadas nos excertos seriam introduzidas por um pronome relativo, o que comprova que se trata do grupo das adjetivas. Não se pode dizer que esse emprego das adjetivas em forma reduzida de gerúndio seja um fenômeno contemporâneo, uma vez que, como vimos, Cunha & Cintra (1985, p. 599) as consideram de uso legítimo desde que expressem a ideia de atividade atual e passageira, não com a finalidade de designar “um modo de ser ou uma atividade permanente do substantivo”. Entretanto, Castilho (2010, p. 382), embasando-se na semelhança que considera ocorrer entre adjetivos e advérbios, batiza esse tipo de ORG de “gerúndiais ambíguas”, aspecto relevante que merecerá nesta seção espaço de discussão apoiada nos exemplos apresentados.

A ambiguidade a que uma ORG como oração adjetiva pode dar margem se explica, segundo Moutella (1995), citada por Guaritá (2015, p. 21), pelo fato de, em alguns contextos, haver, na oração matriz, dois elementos nominais aos quais o gerúndio pode ser associado, frente à inexistência de restrição semântica. Em frases do tipo *Paulo viu José correndo no parque*, tanto Paulo (sujeito da oração matriz) quanto José (complemento verbal da oração matriz) podem ser agentes de “correr”. Castilho (2010, p. 382) afirma que o sujeito da sentença gerúndial é predominantemente o sujeito da oração principal, mas, em casos como o citado, não há restrição semântica em se atribuir a ação de correr também ao objeto direto da oração matriz, como ocorre no excerto (2b), cujo verbo da ORG pode ser vinculado tanto ao sujeito da oração matriz (Trump) como ao objeto dessa oração (decreto). Se desenvolvida, a forma verbal da oração adjetiva só poderia estar vinculada a “decreto” que é retomado pelo pronome relativo: *Em março, Trump lançou uma segunda edição [do decreto], **que exclui o Iraque devido à cooperação do país árabe com o combate à facção terrorista Estado Islâmico.*** Ainda que haja casos como (2e) em que há alguma restrição semântica para vincular a forma gerúndio a dois elementos que lhe poderiam servir como sujeito, há um certo desconforto na construção. Vejamos: *Cardeais deram entrevistas **falando** abertamente contra ele [o Papa]...* No caso, parece óbvio que os cardeais é que falaram em entrevista, mas há um tom meio jocoso na construção “entrevistas falando abertamente”, como se entrevistas falassem. Isso seria evitado se se optasse pela oração adjetiva desenvolvida: *Cardeais deram entrevistas **nas quais falaram** abertamente contra ele [o Papa]...* O mesmo se pode dizer de (2f), em que os verbos “pedir” e “mostrar”, empregados no gerúndio, podem ser vinculados também a “textos” e não exclusivamente a “donos de empresas”.

Cabe, então, numa situação de ensino, chamar a atenção para esses efeitos que podem advir do uso de uma ORG como oração adjetiva, especialmente quando não houver restrições semânticas, e o gerúndio puder ser vinculado, ao mesmo tempo, a dois elementos nominais da

oração matriz, situação propícia para geração de ambiguidades. Isso auxiliaria na construção da coesão e da textualidade.

4.3 Contextos em que a ORG ocupa o lugar de uma coordenada sindética

No que se refere à afirmativa de Castilho (2010, p. 382), ou seja, que o sujeito da sentença gerundial é predominantemente o sujeito da oração principal, alguns casos em que isso não ocorre podem ser exemplificados com determinados usos contemporâneos em que as ORG se aproximam das orações coordenadas. Guaritá (2015, p. 24) cita Moutella (1995) para exemplificar estruturas em que “o sujeito do gerúndio não está coindexado, exclusivamente, ao sujeito da matriz”, pelo menos no aspecto semântico, ao nosso ver. E toma como exemplo a seguinte frase: “O avião caiu, matando 150 pessoas”, que pode ser interpretada como “O avião caiu e matou 150 pessoas”. (Grifo meu). Sob o ponto de vista sintático, podemos falar que o sujeito das duas orações é “avião”, mas, numa análise semântica mais apurada, o agente responsável pela morte de 150 pessoas foi a queda do avião, e não o avião, propriamente dito.

Esses tipos de construção também não libertam o gerúndio da ideia de concomitância e dão margem para que se interprete que as ações expressas pelos verbos da oração matriz e da ORG ocorrem ao mesmo tempo.

Para exemplificar a presença desse tipo de construção em situações de escrita, mais uma vez utilizaremos três excertos de matérias publicadas em cada um dos portadores dos quais tomamos emprestados os exemplos para este trabalho.

(3)

- a) “Para tentar provocar um efeito pró-reforma em outras legendas, a bancada do PMDB encaminhou à cúpula da sigla um “fecha a questão”, ou seja, determinar que todos os deputados do partido votem a favor, estabelecendo para quem não seguir a decisão, punições que podem incluir expulsão. FPS, 5/12/2017.²⁷ (Grifo meu)

²⁷ <<http://www.folha.uol.com.br/mercado/207/12-governo-intensifica-pressao-para-aprovar-reforma-da-previdencia.shtml>>. Acesso em 5 dez. 2107.

- b) “Uma lei de 1992 transformou os presidentes de tribunais em superjuízes, permitindo que eles derrubem liminares ‘em caso de manifesto interesse público ou de flagrante ilegitimidade’[...]”²⁸
- c) “Desde o nascimento, o clube teve identidade operária, contando com ferroviários entre seus atletas e torcedores.”²⁹ (Grifo meu)
- d) “A empreiteira, que cresceu inigualáveis 520% nos dez anos anteriores à Lava-jato, superando de longe mamutes como a Microsoft, literalmente comprou a cúpula do governo, a cúpula da câmara, a cúpula do senado, a cúpula dos principais estados brasileiros.”³⁰ (Grifo meu)
- e) “Maduro recuou, dizendo à Corte para reconsiderar as decisões. Em apenas algumas horas, ela voltou atrás em suas ofensivas, deixando claro que permanece sob o controle do presidente.”³¹
- f) “O acordo de colaboração dos 77 executivos da Odebrecht recebeu o apelido de ‘delação do fim do mundo’ porque atinge os maiores partidos do país – do PT ao PSDB, passando pelo atual inquilino do poder, o PMDB.”³²

Se recorrermos ao já citado método de desdobramento será possível resgatar, nos excertos apresentados, a relação sintático-semântica pretendida entre a ORG e a oração-matriz. E, ao fazer isso, podemos perceber que a coordenação é o processo de organização dos períodos em que o gerúndio funciona como um conector entre orações. Em (3a) (3c) (3d) (3e) e (3f), esse desdobramento possibilita recuperar a relação de adição entre as orações, e o conectivo “e” explicitaria essa intenção. Embora os fatores contextuais e situacionais sejam responsáveis por esse desvelamento, ainda insistimos na margem que o emprego da ORG, nesses casos, pode dar para se extrair uma ideia a que Mória e Viotti (2004), citados por Guaritá (2015, p. 37), chamam de “sobreposição (ou paralelismo) temporal”. Tomemos o caso

²⁸ <<http://www.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2017/12/1940643--a-caneta-salvadora.shtml>>. Acesso em: 5 dez 2017.

²⁹ <<http://www.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/12/1940385-estadio-do-nacional-na-barragem-e-tombado-apos-espera-de-14-anos.shtml>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

³⁰ PEREIRA, Daniel. República da Odebrecht. *Veja*, São Paulo, ano 50, n.16, p.47, abr. 2017.

³¹ Idem, p.71.

³² BRONZATTO, Thiago. “Fui mula do Padilha”. *Veja*, São Paulo, ano 50, n. 9, p. 41, 1º mar. 2017.

(3e): *Maduro recuou, **dizendo** à Corte para reconsiderar as decisões [...]* A ação de dizer foi concomitante à de recuar? Ou, depois de recuar, o presidente solicitou à corte que reconsiderasse?

O caso (3b), particularmente, oferece duas possibilidades de interpretação semântica e, em operação de desdobramento, a oração desenvolvida poderia ser uma coordenada aditiva ou uma apositiva / resultativa. Vejamos: *Uma lei de 1992 transformou os presidentes de tribunais em superjuízes e permitiu que eles derrubem liminares ‘em caso de manifesto interesse público ou de flagrante ilegitimidade’[...] Uma lei de 1992 transformou os presidentes de tribunais em superjuízes, o **que** permite que eles derrubem liminares ‘em caso de manifesto interesse público ou de flagrante ilegitimidade’ [...]*

Mais uma vez atestamos o que disse Ali (1965, p. 359) sobre as “relações implícitas estabelecidas pelas orações gerundiais”, que possibilitam que sejam interpretadas “segundo o sentido o pedir, em razão das diferentes espécies de relações que podem expressar”.

Constata-se, com base nos casos que serviram de exemplos nesta seção, que o uso que se tem feito das ORG, em diferentes contextos, constitui terreno fértil para enriquecedoras discussões em sala de aula, a fim de que se estabeleçam critérios seguros para seu emprego, de acordo com a precisão que se queira imprimir nos atos de comunicação, sobretudo quando neles predominem a função referencial da linguagem.

Muitos manuais que orientam as correções de redação, em situações de avaliação, não recomendam o uso desses tipos de construção, mas a presença deles em textos veiculados em portadores de prestígio no meio midiático, não criaria uma incoerência entre prescrição e uso? Isso vale uma reflexão.

5 CONCLUSÃO

Intencionou-se, neste trabalho, comprovar a tendência contemporânea do PB em empregar – em textos produzidos em situações formais de escrita – orações reduzidas com gerúndio, em detrimento do emprego de orações desenvolvidas introduzidas por conectivos coordenativos ou subordinativos, que se prestam a explicitar a relação semântica entre ideia principal e secundária. E para formar o *corpus* de análise, elegeu-se textos veiculados na mídia impressa brasileira, especialmente em dois veículos de grande circulação nacional – revista *Veja* e o jornal *Folha de S. Paulo* –, os quais, normalmente, servem de fonte para professores no trabalho com textos em sala de aula.

Nos resultados encontrados, foi possível perceber tendências no uso de ORG em substituição a orações apositivas, também chamadas por alguns estudiosos de resultativas, orações adjetivas e orações coordenadas sindéticas (aditivas, conclusivas, adversativas, explicativas), empregos que, embora não agasalhados consensualmente por gramáticos tradicionais, já são considerados por alguns linguistas, a exemplo dos referenciados neste estudo.

Alguns critérios adotados em situações de avaliação formal de textos têm sustentado a não aceitação desses usos, levando-se em conta o fato de não constarem na gramática normativa. Entretanto, a discussão promovida neste trabalho, principalmente a que se apoia em estudos de autores nele citados, é um convite para se repensar a rigidez dessa proibição. E aqui vale retomar o que diz Costa Val (1991, p. 29): “Será considerada infração textual a ocorrência que acarretar embaraços à leitura, tendo em mente as expectativas resultantes do tipo de texto analisado”. E quando se trata do uso de ORG, é bem pertinente o que diz a autora, já que, como se viu nas discussões, há casos em que a ORG dá margem para se inferir mais de uma relação semântica, e isso pode ser um obstáculo para o leitor recobrar a intenção comunicativa de quem escreveu.

Não se trata de defender a indispensabilidade de conectivos para estabelecer relações coesivas entre orações, mas, como afirma Koch (2001, p. 19),

se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos textos [...], a coesão é altamente desejável como mecanismo de manifestação superficial da coerência.

Com base nessas considerações, recomenda-se que o professor abra um espaço maior para o trabalho com as ORG a fim de promover um confronto entre prescrição e uso

contemporâneo no português do Brasil. Assim ele dará ao aluno mais uma oportunidade para reconhecer o dinamismo da língua falada e perceber que esse dinamismo alcança às vezes a escrita, que não pode ser absolutamente engessada pela norma.

Aos revisores de língua e estilo cabe o discernimento em acatar ou não o uso de ORG nos diferentes contextos aqui apresentados, levando em conta, sobretudo, a função predominante nos textos analisados, pois, em casos de textos formais, de função referencial dominante, há que se ficar mais atento à fluidez nas relações semânticas a que as orações reduzidas de gerúndio podem dar margem e, em caso de polissemia, optar pelo resgate do conectivo.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- ANTONIO, Juliano Desiderato. Relações retóricas estabelecidas por orações gerundiais adverbiais. *Alfa, São Paulo, ano 56, v.1, p.55-64, 2012*.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise sintática*. 10 ed. Rio de Janeiro: Grifo, 2002.
- BRAGA, Maria Luiza. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, Ingedore Gomes Villaça (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp. 2002.v. 6. (Série Pesquisas).
- CASTILHO, Ataliba T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COMPARINI, Ana Maria Paulino; GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. Orações adverbiais reduzidas de gerúndio: o ensino do Português e a perspectiva da Gramática discursivo funcional. In: *V SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA*, Università del Salento, Italia. 2017.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português contemporâneo*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GUARITÁ, Camila Parca. *Sobre as orações gerundivas com sujeito oracional no português do Brasil*. 2015. 60f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação em Linguística –PPGL, Brasília, 2015.
- KOCH, Ingedore V. *A coesão textual*. 15 ed. São Paulo: contexto, 2001.
- LIMA, Carlos Henrique Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- LOBO, Maria. *Aspectos da sintaxe das orações gerundivas adjuntas do português*. Actas do 17º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa. 2001.
- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- PERINI, Mário. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- NOGUEIRA, Sérgio. *Modismos linguísticos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/modismos-linguisticos.html> Acesso em: 19 out. 2017.